

MAL-ESTAR E ANGÚSTIA NA CLÍNICA E NA CIVILIZAÇÃO

Uma introdução ao Congresso da NLS de 2023

Daniel Roy

O título que vos proponho para o nosso próximo Congresso, que se realizará em Paris, em maio de 2023, sai diretamente de uma passagem de um texto de Lacan, intitulado *A Terceira*, que é a conferência que ele pronunciou em Roma, no dia 1 de novembro de 1974.

Eis a passagem:

“É do mal-estar, que Freud qualifica de mal-estar na civilização, que parte toda a nossa experiência”.¹ O parágrafo seguinte precisa a relação de causalidade direta entre o mal-estar, no sentido de Freud, e o conjunto da experiência analítica:

“O mais espantoso é que o corpo contribui para esse mal-estar, da mesma maneira que sabemos animar os animais, quando os animamos com o nosso medo, se me é permitido dizer. De que é que temos medo? Não é apenas a partir de quando temos medo? É do que temos medo — do nosso corpo. É disso que testemunha esse fenómeno curioso, ao qual dediquei o Seminário de um ano inteiro, a que dei o nome de angústia. A angústia situa-se, precisamente, num outro lugar que não o do medo que temos do nosso corpo. Ela é o sentimento que surge da suspeita de sermos reduzidos ao nosso corpo”.²

O corpo paga tributo à angústia

Na perspectiva aberta pela citação que me guia para introduzir o tema, a angústia é o rastro [*trace*] deixado pela contribuição do nosso corpo ao mal-estar na civilização, corpo que devém o “suporte-superfície” do que faz sintoma na nossa cultura.³

Esse deslocamento do mal-estar ao sintoma, operado por Lacan em *Televisão*⁴, tornou-se familiar, mas não tem nada de automático, já que assinala um avanço sobre aquilo que Freud propôs em *Mal-estar na civilização*.⁵

¹ Lacan J., *La Troisième*; Miller J.-A., *Théorie de lalangue*, Paris, Navarin éditeur, 2021, p. 40.

² Idem.

³ “Supportes/Superfícies” foi o nome de um grupo-movimento artístico fundador da arte contemporânea francesa, em pintura e em escultura (cf: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Supports/Surfaces>).

⁴ Lacan J., «Télévision», *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 530.

⁵ Freud S., *Le Malaise dans la civilisation* (tradução de B. Lortholary, apresentação de C. Leguil), Paris, Points Seuil, 2010.

Proponho que é pela via da angústia que esse avanço se opera. É pela via da angústia que o sujeito pode ler o seu mal-estar na civilização — o seu grupo humano, familiar, de trabalho, etc. —, que o pode ler como sintoma, na sua singularidade. Inversamente, o afeto do mal-estar é a ressonância, no corpo, do que faz sintoma na civilização, como testemunham especialmente as crianças e os adolescentes de hoje, muitas vezes até à devastação, lá onde a angústia não é reconhecida.

A via da angústia é também a do desejo e, nisso, “a angústia é, enquanto afeto do sujeito, aquilo que não engana”⁶, como formula Lacan, no seu Seminário interrompido, *Os nomes do pai*, quando quer fazer entender o plano radical em que se inscreve a função de sinal da angústia.

Com efeito, na angústia, o sujeito é afetado, não somente pelo “desejo do Outro”, mas também pela “transformação direta da libido”, lá onde o significante falha a sua inscrição.

Lacan remete o nó da angústia para o corpo, para o Outro com a pulsão, para o que diz Freud, na Adenda a *Inibição, sintoma e angústia*⁷, onde reexamina a sua primeira tese sobre a pulsão sexual como causa traumática da *Realangst*, da “angústia real”, termo que fez recuar os seus primeiros tradutores. Lacan formalizará esse nó como nó do real, simbólico e imaginário, a partir do momento em que ele considerará a angústia como signo da presença de um real de gozo.

A angústia surge no momento e no lugar onde o nosso corpo é afetado, no real, como organizado, e se mantém na sua forma, segundo as duas operações que Lacan isola para introduzir o mal-estar, na *Terceira*.⁸

Podemos aqui pensar naquilo que se designa por fobia social, ou por fobia escolar, nos mais jovens, onde o sujeito não consegue mais ultrapassar, sem uma crise de pânico, o limiar da porta da sua casa ou da sua escola. São precisamente momentos em que o corpo do ser falante se manifesta como totalmente heterogéneo ao meio ambiente que o rodeia, à sua inscrição no grupo social. Podemos, ainda, fazer referência aos factos clínicos em que o corpo falante devém massivamente heterogéneo ao consumismo, ao ponto de não ter mais um lugar onde existir, face à invasão dos dejetos, como na síndrome de Diógenes; ou quando o heterogéneo conduz ao momento em que se tem de entrar no fluxo de transito de uma autoestrada, ou se deve atravessar uma ponte.

Mundo / I-mundo

⁶ Lacan J., « Introduction aux Noms-du-Père », Des Noms-du-Père, Paris, Seuil, 2005, p. 70.

⁷ Freud S., « Complément relatif à l'angoisse », Inhibition, symptôme et angoisse, Paris, PUF, 1953, p. 95.

⁸ Lacan J., La Troisième, op. cit., p. 39. « Dans ce réel, se produisent des corps organisés, et qui se maintiennent dans leur forme » (idem).

Esses momentos e lugares de angústia são aqueles em que o ser falante é “reduzido ao seu corpo”, e não pode mais inscrever-se no mundo que imaginamos, como “mundo que é o mesmo para todos os animais”. De repente, o ser falante, que se produz como corpo organizado, que deve manter a sua forma, não consegue mais cumprir o seu destino nesse mundo, “que não é evidentemente o mundo, mas o i-mundo”.⁹

Demoremo-nos no equívoco que Lacan faz ressoar nesse contexto. É um equívoco que se introduziu na língua francesa, entre duas palavras, que evoluíram em dois campos semânticos aparentemente muito diferentes, a partir de uma origem comum, o termo latino *mundus*. A palavra “mundo” apresenta-se como definindo um conjunto, uma totalidade, que acolhe o que existe e os que existem, totalidade a partir da qual se podem operar um certo número de distinções significantes, que vão de “todo o mundo” a “cada um vive no seu mundo”. A palavra “mundo” funciona desse modo como um operador signifiante, suscetível de criar os mundos que queremos, o que lhe confere um poder universalizante. “I-mundo” é a palavra que produz o equívoco, quando se confronta ao “mundo” e faz surgir o duplo valor.

Por um lado, ela designa o que não é imaginado como o mundo partilhado entre humanos, animais e plantas, todos os seres vivos, logo universal, pelo facto da “unidade do nosso corpo nos forçar a pensar como universos”. Enquanto seres vivos, somos todos parecidos, mesmo se cada é diferente. Resta formar uma comunidade com os vivos à nossa volta — doce utopia, violentamente segregativa no seu princípio!

Por outro lado, ela revela o objeto rejeitado, por excelência a imundice, sobre o qual se funda o mal-estar e a angústia, a que Lacan chamou o “objeto a”, a partir da experiência psicanalítica. É precisamente esse objeto que se opõe ao mundo como universo, pois apresenta-se sempre como a “peça solta” — como propôs J-A Miller no seu curso¹⁰, em vez do “mundo humano partilhado”, caro a Hanna Arendt — que anima o desejo, “pássaro celeste”, ao mesmo tempo índice da falta e suporte da função do mais-de-gozar.

O objeto e o mais-de-gozar

Esse objeto rejeitado é extremamente precioso quando uma análise o isola, pois, ao se separar da pulsão, na angústia, ele devém a causa do desejo. Nessa queda do objeto pulsional, cintila, como um meteoro, o raio fugaz de um mais-de-gozar, único resto real da operação. É esse rastro, inesquecível, que pode traçar um destino para o sujeito, se for declarado, como desejo, no dizer do analisando. Tais desejos constituem as vicissitudes das pulsões¹¹, como enunciou Lacan num dos seus últimos Seminários, no dia 18 de março de 1980.

⁹ Ibid., p. 40.

¹⁰ Miller J.-A., *L'orientation lacanienne*, « Pièces détachées » (2004-2005), enseignement prononcé dans le Cadre du Département de Psychanalyse de Paris VIII, inédit.

¹¹ Lacan J., « Dissolution », *Aux confins du Séminaire* (texto estabelecido por J.-A. Miller), Paris, Navarin éditeur, p. 65.

A língua francesa permite dizer que os desejos determinam o destino das pulsões, quando dissecam as fontes da maldição, da má sorte da qual o sujeito se queixava até então, quando secam a guloseima feroz do supereu.

Mas uma nova sorte veio acrescentar-se aos destinos freudianos da pulsão, com a chegada ao nosso mundo dos objetos gadgets do mais-de-gozar [*“plus-de-jouir en toc”*].¹² Não sabemos se estes objetos nos conduzirão a bons ou maus destinos, mas podemos dizer que eles fazem hoje parte do mal-estar na civilização.

Com a experiência da televisão e do computador conectado, e depois do vídeo e dos telemóveis, temos todas as razões para pensar que esses objetos conquistaram o poder e nos venceram. São eles que hoje universalizam o mundo, o mundializam ou globalizam.

Mas será desse modo que devemos considerar o estado das coisas? Lacan pensa que não: “os gadgets ganharão? Será que vamos ser verdadeiramente dominados pelos gadgets? Isso parece-me pouco provável, devo dizer. Nunca conseguiremos fazer com que um gadget não seja um sintoma”.¹³ No mesmo mês, numa outra conferência, acrescenta: “eles têm isso de particular, trazem a marca do ser que os fabricou — e nada vai tão depressa para o lixo como os ditos gadgets. Isso acaba numa descarga ou numa desmontagem. É perfeitamente comparável à sorte do ser humano”.¹⁴

Podemos pensar e dar a pensar aos filhos do século que os gadgets são o destino do nosso mundo e das nossas existências, mesmo se, como todos os objetos conectados ao nosso corpo, eles participam do i-mundo. Neste sentido, fomentam o mal-estar na civilização como sintomas da época que pretende criar gadgets do mais-de-gozar.

O uso, por Lacan, do equívoco mundo/i-mundo, na sua terceira conferência de Roma, faz relâmpegar o mais-de-gozar da língua, de “alíngua”. Seu ato de fala traz à presença o objeto que causa o mal-estar. Fornece-nos desse modo uma referência rigorosa ao que fomenta o mal-estar na nossa civilização, pois de cada vez que se quer fazer mundo para os seres falantes, ou para um ser falante, o i-mundo apresenta-se. Mal-estar e angústia são os signos da inscrição do i-mundo nos corpos dos seres falantes, o que constitui o duplo e testemunha da impossibilidade do corpo ser Um.

O objeto de toda a nossa atenção

Esse objeto que habita o coração do mal-estar e o lugar da causa da angústia será, pois, o objeto da nossa atenção. Para tal, dispomos como bússola de dois textos de J.-A. Miller, *Uma fantasia*¹⁵, que tira as consequências para a nossa

¹² Lacan J., *Le Séminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse*, Paris, Seuil, 1991, p. 93.

¹³ Lacan J., *La Troisième*, op. cit., p. 47.

¹⁴ Lacan J., *Le phénomène lacanien* (nov. 1974), texto estabelecido por J.-A. Miller, *Section clinique de Nice*, 2011, p. 14.

¹⁵ Miller J.-A., « Une fantaisie », *Mental* n°15, février 2005, p. 9-27.

época “hipermoderna” de uma frase de Lacan, em *Radiofonia*, que assinala “ a subida ao zénite social do objeto que chamo pequeno a”¹⁶, e um outro, *A salvação pelos dejetos*¹⁷, que evoca de imediato a outra face do objeto, já sublinhada por uma outra frase de Lacan, numa conferência em Bordéus, “a civilização é o esgoto”.¹⁸ O que a civilização faz, de facto, é responsabilizar-se pelo que ela rejeita! Questão bem atual.

Os meios que possuímos para abordar esses desafios não são escassos: os grandes textos de Freud *Inibição, sintoma e angústia* e *Mal-estar na civilização*; O Seminário X, *A angústia*, e o seu comentário por J.-A. Miller, publicado nos números 58 e 59 de *La Cause freudienne*, assim como os inúmeros trabalhos dos nossos colegas sobre os temas do mal-estar e da angústia.

É também preciosa uma das nossas publicações em língua inglesa, que recolhe as emergências do mal-estar contemporâneo a partir das vinhetas enviadas por correspondentes de todos os países da NLS: refiro-me à *The Lacanian Review Online*, editada pelos colegas Jeff Erbe e Jorge Assef.

Concluirei com Freud e as primeiras frases do seu *Mal-estar*. Logo no início do texto, contra a opinião moralizante que denuncia que os humanos não reconhecem os verdadeiros valores da vida, Freud anota com simplicidade: “ no entanto, quando se faz um juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer que o mundo humano e a sua vida psíquica são multicoloridos”.¹⁹

Múltiplas cores, por conseguinte, gozos, desejos, objetos e ideais, sobretudo sintomas, que são para nós, psicanalistas, a via mais segura da resposta à falha que fomenta o mal-estar na nossa civilização e o objeto da angústia que faz rastro nas nossas subjetividades.

Tradução: José Martinho – ACF Portugal.

¹⁶ Lacan J., *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 414.

¹⁷ MLacan J., « *Lituraterre* », *Autres écrits*, op. cit. p. 11 ; et « *Mon enseignement, sa nature et ses fins* », *Mon enseignement*, Paris, Seuil, 2005, p. 84-85.. Miller J.-A., « *Le salut par les déchets* », *Mental* n°24, avril 2010, p. 9-15.

¹⁸ Lacan J., « *Lituraterre* », *Autres écrits*, op. cit. p. 11 ; et « *Mon enseignement, sa nature et ses fins* », *Mon enseignement*, Paris, Seuil, 2005, p. 84-85.

¹⁹ Freud S., *Le Malaise dans la civilisation*, op. cit., p. 43.